

P.A.B. Nº 64
BOLETIM do AUDITOR PROFISSIONAL

A mais Antiga Publicação Contínua em Dianética e Cientologia

De L. RON HUBBARD

Via Gabinete de Comunicações Hubbard
163 Holanda Parque Avenida, Londres W.11,

28 de Outubro de 1955

PRIMEIRO POSTULADO

Temos aqui uns poucos dados em que você poderia estar interessado. Isto tornará este primeiro postulado um pouco mais claro.

O estado nativo de um thetan seria o primeiro postulado real, não seria? Há uma peculiaridade que ocorre: Ele continua a insistir neste estado nativo mesmo até ao fundo da escala.

Dêmos uma olhada nisto. De facto, no seu estado nativo, ele sabe tudo sem olhar, ou qualquer coisa, mas não sabe qualquer particularidade dos dados. Estes são todos inventados. Logo, o que você realmente chamaria a isto seria uma potencialidade, ou Pan Sabedoria.

Agora, à medida que nós continuamos para baixo na escala, ele insiste na sabedoria, por toda a escala abaixo, só que ele põe isso na forma de dados, e inverte a sua sabedoria de maneira que tudo o que ele sabe sejam dados, e perde a capacidade de saber.

Outra coisa ocorre à medida que ele vai pela escala abaixo do topo ao fundo: Ele não está a olhar para nada, e descobrimos que, finalmente, ele começa a insistir nesta condição. Começa a usar óculos, porque não vê, vê negrume e assim sucessivamente. Tudo que ele está a fazer é insistir que não está a olhar para nada.

Peguemos noutra destas coisas: No estado nativo ele não tinha qualquer espaço, e logo vai pela escala de tom abaixo direto ao fundo insistindo em “não espaço”. Só que, como é que ele finalmente faz para fazer “não espaço”? Ele começa a puxar toda a energia para cima dele próprio, e compacta-se a si próprio, realmente apertado, e lá está a fazer “não espaço” comprimindo tudo junto. Mas ainda está a insistir no estado nativo.

Há muitos destes estados nativos que você pode examinar, e verá que consegue deles toda uma fiada de primeiros postulados. Eis aqui os estados nativos, e eles na verdade são primeiros postulados.

É peculiar notar que os thetans insistem uns com os outros que estão nos seus estados nativos, e a forma como eles o fazem é dizer: “Tu és estúpido”, “tu não sabes nada disto”, “tu não tens dados”, “tinhas que estar na prisão”, “não deverias ter qualquer espaço”, “não

te deverias mexer” (a polícia está sempre contra que as pessoas se movam). E insiste, de uma forma ou de outra, que a pessoa não tem nada. Eles dizem, “tu não podes ter nada”.

Por outras palavras, toda a sociedade dramatizará este estado nativo até certo ponto, mas em que horrível harmónica! Pouco depois, um thetan começa a acreditar que todos estes postulados dos estados nativos são maus. Por isso, ele tem que os evitar, por isso ele fica emaranhado, e apanhado.

Nós examinámos isto em processamento, e mudámos então do processo Locacional, através de Comunicação Duas vias, para os processos subjetivos. Por isso, os processos subjetivos deveriam ser todos processos de primeiro postulado, e os inferiores a eles seriam: *”Algo que não te importarias de esquecer”*. Jamais percorreria: *”Algo que não te importarias de lembrar”*.

Certo, há dois outros processos que andam juntos nesta faixa subjetiva que são intensamente interessantes. Eles são bastante exequíveis.

Agora você compreende porque faz “Estação União”, ou objetos em processamento Locacional, em *”O que é que você não sabe sobre aquele objeto?”* e *”O que é que aquele objeto não sabe sobre você?”* Mas agora temos outros lugares onde podemos ir, e um dos lugares onde vamos é, é claro, para a faixa de processos subjetivos que fica acima de Comunicação de Duas vias.

Alguns dos processos subjetivos que são os mais interessantes são; *”Encontra algum não-espaço”*, *”Diz-me algumas coisas para que não estás a olhar”*, *”Diz-me algumas coisas que não estão a olhar para ti”*.

Você vê logo que estas são situações de estados nativos, logo são processos subjetivos muito, muito bons. Eles são percorridos numa base de fio direto. Logo você vê que lido grupo eles fazem. Mas os que correm mais rapidamente são estes processos de primeiro postulado. *”Para o que é que não estás a olhar?”* *”O que é que não está a olhar para ti?”* *”Localiza algum não-espaço”*, *”O que é que não tens que localizar?”* *”Algo que não te importarias de esquecer”* – todos estes são intensamente exequíveis.

Nós mudaríamos daí para uma nova peculiaridade, e isso seria 8-C. Já ouviu falar de 8-C?

Sabe porque é que 8-C funciona? 8-C funciona de uma maneira muito interessante. Funciona totalmente numa tolerância de comando, e a contínua postulação de sentir ou ver alguma coisa. 8-C, como processo, assume o estado nativo num thetan e então diz-lhe que vá para o segundo postulado.

Eis um thetan. Você está a processá-lo. Você está evidentemente a assumir que ele está num estado nativo porque lhe está a dizer: *”Olha para a parede”*. Logo você assumiu que ele não estava a olhar para a parede antes de lhe dizer, *”Olha para a parede”*. Você está a assumir o automatismo do segundo postulado. É por isso que funciona.

A terceira parte de 8-C é só assumir mais segundos postulados. Ele diz, “ Não estou a olhar para nada. Agora vou olhar para alguma coisa. Agora olho para aquela coisa. Agora eu vejo essa coisa”.

Poderíamos provavelmente revestir o 8-C com um pouco mais de exequibilidade nesta base, mas eu não acho necessário neste momento, porque funciona só como está. Mas talvez você devesse compreender isto um pouco melhor só na base de que nós assumimos, durante todo o 8-C, não que o fulano está louco, mas que ele está num estado nativo, e que a atenção dele tem que ser dirigida para coisas.

Logo nós assumimos todos estes automatismos, e ele vem pela escala acima.

Agora, apliquemos este princípio do estado nativo ao Procedimento de Abertura por Duplicação. Nós estamos a dizer-lhe outra vez que olhe para um objeto, e que olhe para outro objeto. Naturalmente, ele pôde totalmente duplicar o objeto. Agora ele não sabe nada sobre o objeto, logo nós poderíamos correr "não saber" aqui outra vez. Poderíamos dizer: "Vês aquele livro? Caminha até ele. Apanha-o". E agora nós corremos-lhe um primeiro postulado mais elevado: "O que é que tu não sabes sobre isto?" "Tudo bem. Coloca-o exatamente no mesmo lugar. Vês aquela garrafa? Caminha até ela. Apanha-a. Certo, diz-me alguma coisa que tu não sabes sobre ela".

Você poderia correr isto nesta mesma base também num primeiro postulado, e seria um processo intensamente funcional.

É claro, quando subimos para Remédio de Havingness, nós estamos a assumir que ele não tem nada, e nós estamos a dar-lhe alguma coisa. Logo, estamos a sobrepormo-nos ao automatismo de ter alguma coisa, mas estamos a assumir outra vez que ele está num estado nativo. O processo assume isto, e então fá-lo dramatizar, conscientemente, o segundo postulado. Ter alguma coisa. Não tinha nada, agora ele tem alguma coisa.

Quanto à Rota I, a Rota I é de longe mais um estado nativo do que estar num corpo, e exercícios sobre ela, por si só, é claro, realizariam um grande bocado. Mas você poderia tomar a Rota I e perguntar-lhe o que ele não sabe destas várias localizações na Grande Volta, e estes incidentes, pela pista acima, estoirariam.

A nossa assunção, como auditores, de que o thetan está num estado nativo, e que então nós o vamos pôr a tomar conta do automatismo de viver, fazendo-o ele próprio, é muito válido e é, evidentemente, o que produz o maior resultado neste momento.

Então, eis só uma pequena mudança de ideias da maneira de olhar o Processamento. Tomamos o estado nativo de um thetan. Determinamos: "O que é o estado nativo do thetan?" Ele não está em contacto com espaço, energia, massa. Não tem dimensão. Tomamos isto como primeira condição. Ele pode fazer um postulado a partir desta condição, e então ele faz um segundo postulado, e o segundo postulado é uma mentira.

Você pode assumir que ele está num estado nativo, e fazê-lo fazer o primeiro postulado, e terá um processo intensamente funcional. Nós assumimos que ele sabe tudo o que há a saber sobre as pessoas, e então dizemos: "Tudo bem. Diz-me alguma coisa que tu não sabes acerca daquela pessoa". Estamos imediatamente a correr o primeiro postulado.

Agora se assumir que um thetan está em mau estado, baralhado, e nem sequer vagamente no estado nativo, você tenderá a correr-lhe processos nos quais entrará em parafuso. Se

você o está a correr a partir da atitude que ele tem para subir a escala a fim de sentir uma parede, é um negócio de trapaça.

A atitude a partir da qual o deveria correr é: eis aqui este pobre pequeno thetan, totalmente estúpido, e nós vamos mostrar-lhe uma parede. Vamos descobrir então que a compreensão sobre ele tem uma precedência muito mais alta.

Você obterá aqui, mais cedo ou mais tarde, uma coisa muito importante. É de facto o auditor estar ali, a comunicação duas vias e a assunção do estado nativo do preclaro que produzem a audição.

Quando particulariza muito solidamente num processo sem prestar atenção a estas três coisas, você não obtém nenhuma audição.

L. RON HUBBARD